



abralic

experiências literárias textualidades contemporâneas

A TRADUTORA VISTA DE LONGE NOS 70 ANOS DE CRÍTICA: O CASO CLARICE LISPECTOR¹

Rony Márcio Cardoso Ferreira (UnB)

RESUMO: Há mais de 70 anos, estreava Clarice Lispector no mundo literário, com a publicação de *Perto do coração selvagem* (1943). A partir de então, muita tinta e bastante papel foram gastos, pela crítica, a respeito da escritora e de sua literatura. Contudo, podemos dizer que falta, sem rusgas de dúvidas, um trato mais cuidadoso à tarefa da tradução exercida por Lispector ao longo de seu projeto intelectual como um todo, sobretudo porque suas atividades como tradutora iniciaram-se dois anos antes do romance de 1943, com a primeira tradução publicada pela então jornalista do Departamento de Imprensa de Propaganda (DIP). Entretanto, o perfil de Clarice tradutora ocupa, no mínimo, um espaço lacunar no seio da crítica, constatação essa corroborada pelas rápidas e rasteiras menções encontradas sobre o ofício exercido pela escritora. Sob essa égide, o presente artigo visa, a partir de uma breve explanação do que se entende por crítica na contemporaneidade (LIMA, 2013), a uma revisitação crítica dos estudos realizados acerca da tradutora, bem como pretende evidenciar um perfil de Lispector não sobressalente no meio crítico. É nesse sentido que acreditamos ser papel de uma crítica posterior o de assumir as responsabilidades pelos passados não ditos, não explorados ou não divulgados, já que, quando nos lembramos de Clarice Lispector, estamos destinados, de alguma forma, a falar a partir dos atuais tempos de pós-crítica.

Palavras-chave: Crítica. Tradutora. Clarice Lispector.

O exercício crítico é, objetivamente, uma ocasião de risco (LIMA, 2013, p. 400).

O fragmento epigráfico de Luiz Costa Lima (2013), presente em seu livro *Frestas: a teorização em um país periférico*, salienta o que parece, ressalvadas as possíveis diferenças, ser um ponto comum quando se pensa na articulação do pensamento contemporâneo brasileiro: a crítica vive em um eterno estado de risco, que, por sua vez, tem gerado interpretações dos mais diversos ângulos (Cf. PERRONE-MOISÉS, 2000, p. 338; NUNES, 2009, p. 66, SÜSSEKIND, 2013, p. 299). Tornou-se,

¹ Este artigo integra uma pesquisa maior intitulada “Clarice Lispector: uma tradutora em fios de seda (teoria, crítica e tradução literária)”, que desenvolvemos em nível de doutorado, sob orientação da Prof^a. Dra. Germana Henriques Pereira de Sousa, na Linha de Pesquisa “Estudos Literários Comparados”, do Programa de Pós-Graduação em Literatura (PósLIT), da Universidade de Brasília (UnB).

então, inevitável, no atual contexto das inúmeras epistemologias abertas às revisões dos postulados e das leituras construídas ao longo do tempo, a emergência de formulações críticas promulgadoras tanto de (des)continuidades teóricas quanto de avanços que somente um porvir seria capaz de realizar. Ao invés de uma apressada rejeição, tal “risco” direcionou a crítica de hoje a um lugar de permanentes reconsiderações que não admitem um juízo determinante, uma vez que “a crítica literária não tem um lugar preciso. Não o tem porquanto concretiza um juízo de reflexão exercido sobre um tipo de objeto que não admite um juízo determinante” (LIMA, 2013, p. 445).

Em seu recente texto “A crítica literária”, Leyla Perrone-Moisés (2016, p. 61) afirma que a crítica literária pode ser contemporaneamente dividida em: crítica universitária, crítica jornalística e crítica exclusivamente eletrônica. Sem nos atermos no tom ressentido e até mesmo reivindicatório do atual texto da estudiosa, interessa-nos, por ora, o segmento denominado “crítica universitária”, apesar de sabermos que o discurso acadêmico encontra-se cada vez mais próximo do meio jornalístico e dos blogs do mundo virtual, borrando as fronteiras (in)existentes entre essas três modalidades da crítica, sobretudo quando nos lembramos de que boa parte dos críticos a revisaram suas posições, saíram de seus gabinetes universitários e ocuparam o espaço virtual para que suas proposições se proliferassem em ritmo volátil nesta sociedade do saber efêmero. Situados nesse contexto, vários especialistas efetuaram uma saudável crítica da crítica e se mostraram como intérpretes alocados na sociedade, na história e na cultura, passíveis até mesmo de rever seus próprios postulados em futuros não muito distantes. Em outras palavras, colocaram-se em estado de “risco”.

Em meio a essa multiplicidade de escolhas e meios de divulgação, consolidou-se, na última virada de milênio no Brasil, o que se pode entender como uma crítica “universitária” especializada em determinados objetos de eleição (obras, escritores, períodos, linguagens, entre outros) e consolidada a partir de substanciais leituras da *persona* literária de vários escritores locais. Foi nesse contexto que a fortuna crítica produzida a respeito da escritora Clarice Lispector e de sua obra se constituiu em um dos mais importantes capítulos da crítica literária brasileira. Pode-se dizer, seguramente, que a partir da escritora e de sua literatura inúmeros livros, teses, dissertações e artigos se fizeram notáveis. Há três anos, a crítica clariceana completou suas sete décadas de existência e garantiu um lugar de destaque frente a outras fortunas críticas de renomados escritores brasileiros, a exemplo daquelas que se voltam a Machado de Assis

e a Guimarães Rosa. Como uma senhora setuagenária, a crítica acerca da escritora de *Perto do coração selvagem* adquiriu maturidade e se tornou uma das mais distintas na esfera brasileira. No entanto, diga-se de passagem, tal crítica privilegiou, de modo geral, tão somente os papéis de escritora, jornalista e, até mesmo, pintora de Lispector, empurrando para debaixo do tapete da história o longo período de tempo em que Clarice exerceu o ofício de tradutora.

Entre 1941 e 1977, a autora brasileira da prosa intimista do século XX traduziu 46 títulos estrangeiros, somados a algumas autotraduções de textos curtos. O trabalho de tradutora foi tão importante no âmbito de seu projeto literário, que Lispector chegou a se valer da tradução de fragmentos, poemas e frases alheios para a constituição de sua própria literatura, efetuando uma espécie transmigração textual via tradução que “suplementou” (DERRIDA, 2008, p. 171 – 200) várias de suas criações, sobretudo quando nos lembramos de algumas crônicas publicadas no *Jornal do Brasil* entre 1967 e 1973. Após a demissão do referido jornal, Clarice passou a traduzir obras estrangeiras com mais frequência e, simultaneamente, questionou dentro de sua ficção os padrões impostos aos gêneros literários, situação que fez de suas narrativas o espaço da lacuna e do fragmento por excelência, principalmente se comparadas ao seu projeto inaugural da década de 1940.

Sob essa égide, apresentaremos aqui um breve exame dos esparsos e pontuais trabalhos críticos existentes a respeito do ofício de tradução levado a cabo pela escritora. Como sugere Benedito Nunes (2009, p. 80), ao propormos uma crítica da crítica executada sobre a escritora-tradutora, não vislumbramos apenas uma (re)leitura que se volte a uma negatividade do já posto, visto que, como bem entende Antoine Berman (2002, p. 218), o discurso crítico deve ser antes de tudo um ato positivo por meio do qual as obras, os escritores, as traduções e os tradutores subsistam no tempo. Essa crítica positiva coloca a compreensão em primeiro plano, pois, nessa perspectiva, crítica e tradução se aproximam, visto que tanto a crítica (tradução/compreensão de determinada obra), quanto o próprio ato de tradução literária (atividade crítica frente a um original) pode, em um movimento ambivalente, se pôr enquanto possibilidades de leituras inseridas em um contexto sócio-histórico-cultural. Assim, crítica e tradução seriam operações próximas frente aos exercícios de linguagem em seu amplo sentido.

Na história da crítica, Eliane Vasconcellos (1993) foi a primeira estudiosa que listou, ainda que minimamente, um conjunto de textos traduzidos pela intelectual. No

Inventário do arquivo de Clarice Lispector, elaborado para fim catalográfico do acervo pessoal da escritora preservado pela Fundação Casa de Rui Barbosa, Vasconcellos apresenta, das 46 traduções feitas por Lispector, 8 traduções assinadas e publicadas, além de 4 traduções de teatro não publicadas, entre os 1466 documentos impressos e 697 documentos manuscritos e datilografados que compõem o acervo. Por mais que não haja uma leitura crítica das traduções elencadas ou até mesmo de sua importância para o projeto intelectual de Clarice, em virtude da natureza do volume publicado (a função de inventariar um acervo), a atitude de Vasconcellos torna-se pioneira, pois, de certa forma, sinalizou uma face do projeto da escritora que estaria à espera de uma leitura mais cuidadosa por parte dos estudiosos.

Dois anos depois do *Inventário* organizado por Eliane Vasconcellos, Nádya Battella Gotlib publica a mais importante, para não dizermos a mais substancial, biografia existente até hoje sobre Clarice Lispector. O livro de Gotlib, originado de sua tese de livre-docência defendida, em 1993, na Universidade de São Paulo, foi publicado pela editora Ática e, a partir de então, tornou-se um dos mais referenciados trabalhos sobre a escritora na história da crítica. Entretanto, podemos dizer, sem titubearmos, que o estudo empreendido por Gotlib à época deixou de lado tanto a face da tradutora Clarice Lispector (que se vê talvez até pormenorizada frente às suas atividades de entrevistadora, colunista, contista e escritora) quanto as quarenta e seis traduções de textos estrangeiros assinadas pela intelectual ao longo da vida, tornando-se, então, pelo menos naquele estágio da história da crítica clariceana, a tradutora uma ausente-presença, como se pode notar. Em outras palavras, podemos dizer que a (in)existente tradutora foi, nos últimos anos do século passado, uma presença esquecida nas páginas da crítica, ainda que a escritora tivesse deixado em sua própria literatura rastros de seus ofícios de tradução.

O primeiro ensaio crítico que trouxe desde o seu título o termo “tradutora” associado ao nome de Clarice data de 1998. De autoria de Renata Ruth M. Wasserman, “Clarice Lispector tradutora, em *A paixão segundo G.H.*” não trata especificamente das tarefas de tradução da escritora. Wasserman emprega o termo “tradução” para indicar o quanto a escritora se valeu do jogo oblíquo de esconder uma possível “origem” em sua literatura; ou seja, interessa à estudiosa a relação estabelecida entre o camuflar da identidade judaica da Lispector e o elemento místico, associado ao tom biográfico, presentes no romance de 1964. A ampla noção de tradução veiculada por Wasserman,

grosso modo, compreende, de fato, a identidade judaica traduzida de Clarice em seu romance e, de certo modo, a traduzibilidade identitária da intelectual enquanto sujeito traduzido na cultura brasileira, por meio da necessidade de traição de uma origem primeira.

Afastando-nos um pouco do corriqueiro e desgastado adágio italiano *traduttore traditore* que move a reflexão de Wasserman, diríamos também que, via tradução, a escritora faz com que sua marca judaica “sobreviva” (BENJAMIN, 2010, p. 207), ainda que não se propusesse abertamente a esse fim, junto a outras “Clarices” existentes, como bem observou a crítica em geral. Mesmo assim, o ensaio da estudiosa não deixa de ser um capítulo significativo nas páginas da crítica, pois, além de veicular a identidade judaica da escritora à tradução, Wasserman também não deixa de aludir, em suas reflexões, à relação tradutória obra/vida e vida/obra, à tradução da literatura de Clarice para outras línguas e à intelectual enquanto tradutora de textos científicos e literários, aspectos esses muito caros ao projeto clariceano como um todo, visto que, como bem pontua Wasserman, Lispector “(...) começou e terminou a sua vida profissional como tradutora” (WASSERMAN, 1998, p. 76). Talvez estivesse, nessa afirmação, outra das grandiosidades do projeto intelectual de Clarice que seria mais bem desenvolvida pela crítica posterior.

Em 2004, é publicada, nos *Cadernos de Literatura Brasileira*, do Instituto Moreira Salles, uma edição a respeito da intelectual. O volume, que conta com a colaboração de importantes estudiosos da obra de Clarice (Berta Valdman, Vilma Âreas, Yudith Rosenbaum, Silviano Santiago, Benedito Nunes, Nádía Gotlib, Olga de Sá, entre outros), apresenta em “De corpo inteiro”, o primeiro e mais completo Guia de referências de e sobre Clarice Lispector elaborado até então, duas seções que, neste momento, interessa-nos: “Obras da autora” e “Fortuna crítica”. A primeira seção, dividida em dez partes, apresenta um segmento intitulado “Traduções”, no qual se encontram referidos cinco volumes traduzidos por Clarice. Contudo, não nos chama atenção apenas o pequeno conjunto de traduções elencados no guia. Torna-se mais intrigante observar, na segunda seção (“Fortuna crítica”) – entre dissertações e teses; estudos, referências e ensaios (publicados em livros), textos em revistas diversas e periódicos acadêmicos; livros e entrevistas –, a não existência de um trabalho crítico que tivesse se voltado até o momento, exclusivamente, ofício da tradutora.

Se o ato de tratar criticamente da tradutora era, há uns dez atrás, uma ação inexistente, podemos dizer que dois especialistas em Clarice Lispector colocaram a tradutora em uma inicial projeção: André Luís Gomes (2007) e Edgar César Nolasco (2007). Gomes, por meio de seu livro *Clarice em cena: as relações entre Clarice Lispector e o teatro* (2007), trouxe à visibilidade crítica um seguimento de obras traduzidas pela intelectual que, até o ano de publicação do referido livro, estava não só a espera de uma leitura crítica mais aguçada, como também se via apagado, ou até não mencionado propositalmente, pelos críticos: as peças de teatro. Nele, o crítico se volta às peças de Tchekhov, Mishima, Ibsen, Hellman, McCullers e Lorca traduzidas por Lispector na década de 1960, como mencionado anteriormente, e ensaia uma possível aproximação entre as peças traduzidas e as obras da própria escritora, ainda que pontue não ser esse o objetivo de seu estudo. Apesar do crítico explicitar tal assertiva logo na apresentação de seu livro (GOMES, 2007, p. 18), talvez essa aproximação se torne uma das grandes contribuições do trabalho de Gomes quando se fala do lugar da tradutora nas páginas da crítica: veicular as traduções de textos teatrais feitas por Clarice à sua própria literatura.

Vale ressaltar que o lugar da tradutora não ficou circunscrito, exclusivamente, à tradução de textos dramáticos e que os inúmeros livros e textos traduzidos pela escritora continuariam a espera de um olhar mais atento. Foi nesse sentido que outro crítico, Edgar Nolasco (2007), voltou-se a um estudo mais detido sobre a figura de Clarice tradutora. Em sua pesquisa, o estudioso centrou-se, basicamente, na prática da tradução levada a cabo pela intelectual, entre os anos de 1974 e 1976, com a finalidade maior de perceber como o ofício tradutório de Clarice alterou, substancialmente, o seu projeto como escritora. Entre as produções mais significativas do crítico a respeito dessa questão encontra-se o artigo “Clarice Lispector Tradutora”, publicado no ano de 2007. O ensaio de Nolasco torna-se importante na história da crítica, pois é o primeiro a elencar um número significativo de traduções feitas por Lispector (28 títulos em seu total) e reconhecer que o lugar da tradutora não podia ser esquecido quando o assunto fosse o projeto intelectual de Clarice Lispector.

A partir de uma visada que concebe a tradução enquanto diferença, o estudioso postulou que Lispector foi, na verdade, “tradutora dos outros”, “tradutora de si”, principalmente quando observadas as modalidades de tradução (“formas de tradução” na expressão de Nolasco) executadas pela intelectual: tradução, adaptação, reescrita,

seleção, entre outras. Por isso, o crítico acredita que Clarice ora “(...) traduz; ora faz adaptações (...); ora reescreve completamente algumas obras; ora recria com base em obra alheia” (NOLASCO, 2007a, p. 268). Sem falar da consistência teórica do ensaio de Nolasco, talvez a grande contribuição de seu estudo deva-se à observação apresentada de que, em Clarice Lispector tradutora, os processos de tradução se efetivam de forma variada e múltipla, subvertendo, de certo modo, até a emblemática noção de autoria quando se fala em obras traduzidas.

Com o capítulo do livro de Gomes (2007) e o artigo de Nolasco (2007), a crítica escreveu mais uma página importante de sua história: aquela que se voltou à importância da tradutora Clarice Lispector. Um ano depois das publicações dos estudos de Gomes e Nolasco, Gotlib (2008) publica o livro *Clarice Fotobiografia* e expõe pela primeira vez, em imagens, uma parcela do conjunto de obras que a escritora traduziu. A *Fotobiografia*, que tem por objetivo básico, segundo a biógrafa, promover uma sobrevida da Clarice-Autora por meio do recurso visual (Cf. GOTLIB, 2008, p. 13), apresenta no décimo primeiro capítulo, “Ainda no Rio de Janeiro: horas da estrela”, uma seção intitulada “Traduções e adaptações”. Nessa parte, a estudiosa reproduz, em uma ação crítica inédita, o cartaz de divulgação da peça *Hedda Gabler*, de Ibsen, encenada pela Companhia Nydia Lícia em São Paulo, em que se verifica o nome de Clarice como tradutora do texto, e as capas de doze obras traduzidas por Clarice (Cf. GOTLIB, 2008, p. 413 – 417).

Depois dos estudos de Gomes, Nolasco e Gotlib, quando a crítica clariceana já ultrapassava suas seis décadas de existência, surgiram em sua história os primeiros trabalhos que trataram da tradutora mais pontualmente. Em 2011, ano da consolidação da “virada institucional” (TORRES, 2015, p. 111) dos estudos da tradução no Brasil, Norma Andrade da Silva e Marie-Hélène Torres publicam o verbete “Clarice Lispector” no *Dicionário de tradutores literários no Brasil* (DITRA). As pesquisadoras apresentaram, à época, um conciso perfil biográfico e tradutório de Lispector, um excerto da tradução *Entrevista com o vampiro* [*Interview with the vampire*], de Anne Rice, ao lado do texto em língua inglesa, e uma Bibliografia (segmentada em traduções publicadas, traduções não publicadas e obra própria), que dá especial destaque aos 41 títulos traduzidos por Clarice. O empreendimento de Silva e Torres contribui para a crítica na medida em que inserem o nome de intelectual no índice dos escritores-tradutores da literatura brasileira, evidenciando, por conseguinte, a importância do

ofício da tradução de Lispector. Entretanto, as afirmações que encerram o perfil elaborado pelas autoras são passíveis de contestação, pois, a nosso ver, creem com certa veemência no postulado de Benjamin Moser (2009, p. 492) a respeito da não-notabilidade do trabalho de Clarice enquanto tradutora.

Em 2012, defendemos, salvo engano, o que viria a se tornar o primeiro trabalho de pesquisa em nível de mestrado que se voltou, exclusivamente, à relevância do ofício da tradutora frente a sua própria literatura. Depois disso, alguns capítulos de livros, artigos, ensaios e teses passaram a constituir o que podemos denominar de papéis esparsos da crítica. É tornado público, em 2013, por exemplo, um estudo de Lúcia Peixoto Cherem, que trata, *grosso modo*, da leitura e da recepção da obra de Clarice na França e no Quebec, por meio da tradução. O livro de Cherem apresenta, além disso, em uma seção do último capítulo, uma análise convergente, ressalvadas as possíveis diferenças, à ideia por nós defendida na pesquisa de 2012. A estudiosa compara criticamente *A hora da estrela* (1977), o romance *La dentellière* (1974), de Pascal Lainé, traduzido por Clarice em 1975, e a tela *A rendeira* (1669 – 1670), de Vermeer.

Após a publicação do livro de Cherem, três teses de doutoramento foram defendidas em programas de pós-graduação brasileiros. A primeira delas, de autoria de Jean-Claude Miroir (2013), com o título *Fúria e melodia – Clarice Lispector: crítica (d)e tradução*, embora não trate exclusivamente do ofício da tradutora, volta-se, primeiramente, a uma leitura que busca compreender Lispector como crítica de tradução. A tese de Miroir, apesar de alguns senões, mostra-se relevante, principalmente quando observamos que, na história da crítica clariceana voltada à tradutora, nenhum estudioso antes dele tinha se detido com mais vagar a um exame minucioso da primeira tradução publicada por Lispector em 1941: a versão do conto “Le missionnaire”, de Claude Farrère (Cf. MIROIR, 2013, p. 57 – 61; 184 – 213).

Já em 2014, é defendida a segunda tese de doutoramento que versa sobre Clarice tradutora. De autoria de Marcílio Garcia de Queiroga (2014), *A voz da tradutora Clarice Lispector em livros infantojuvenis do gênero aventura* apresenta uma investigação sobre a visibilidade da tradutora nas versões em português de *Chamado selvagem*, de Jack London; *Viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift; e *O talismã*, de Walter Scott. O interesse de Queiroga, *grosso modo*, pode ser apresentado a partir dos seguintes aspectos: 1) contribuição com a bibliografia especializada que se volta à tradução de textos infantojuvenis; 2) esclarecer a respeito da forma como a literatura

infantojuvenil escrita em língua estrangeira é traduzida no Brasil (prática de tradução); 3) constatar como a tradutora deixa-se visível em sua tarefa projetando um possível perfil. Para chegar a esses três objetivos, o pesquisador revisa a bibliografia existente sobre literatura infantojuvenil (a questão do gênero), mapeia os livros traduzidos por Clarice ao longo da vida e, por fim, apresenta, por meio dos estudos da tradução com base na linguística de corpus, a voz da tradutora nos livros adaptados.

Além dois trabalhos, podemos acrescentar mais uma pesquisa acadêmica que, em parte, também tratou de Clarice tradutora: a tese de doutoramento de Vanessa Lopes Lourenço Hanes (2015), *The language of translation in Brazil: written representations of oral discourse in Agatha Christie*. Afirmamos isso, pois, ao elencar os tradutores brasileiros que verteram os textos de Christie para a língua portuguesa no Brasil, Hanes dedica um espaço às versões assinadas por Lispector. Com o objetivo maior de examinar a representação do discurso oral em forma escrita nas traduções brasileiras de Christie, a pesquisadora também pode ser inserida entre os críticos que projetaram, em seus papéis esparsos, o lugar de Clarice como tradutora, ainda quando esse não fosse o objetivo central de seu estudo.

O inventário crítico aqui apresentado sumariamente não visa ao esgotamento de toda a fortuna especializada que se voltou, por diferentes razões, à faceta da escritora-tradutora. Pelo contrário, objetiva refletir sobre a ausência de trabalhos críticos que tratam, exclusivamente, das tarefas de tradução de Lispector associando-as ao seu projeto intelectual. Se, há dez anos, a fortuna crítica sobre Clarice já era suntuosa e se impunha tanto pela qualidade quanto pela quantidade dos trabalhos existentes, hoje, sem sombra de dúvidas, ela se mostra mais consistente ainda, mesmo em tempos em que seu ofício como tradutora ainda seja o ponto cego de alguns. Como ato de uma promissória crítica, o inventário apresentado, além de evidenciar que a tradutora ainda ocupa um não-lugar, de modo geral, nas incontáveis páginas da crítica clariceana, procura entrever o tardio início de uma projeção da tradutora, neste século. Por isso, acreditamos que tratar da escritora-tradutora (não) presente nas páginas da crítica é se voltar a uma parte do projeto de Clarice que foi, não raras vezes, vista de longe por seus críticos ao longo de sete décadas.

Referências

BENJAMIN, Walter. “A tarefa do tradutor”. Tradução de Susana Kampff Lages. In. HEIDERMANN, Werner (Org.). *Clássicos da teoria da tradução*. 2ª ed. Florianópolis: UFSC /Núcleo de Pesquisas em Literatura e Tradução, 2010. (v. 1. Alemão-Português). p. 203 – 231.

BERMAN, Antoine. *A prova do estrangeiro: cultura e tradução na Alemanha romântica: Herder, Goethe, Schegel, Novalis, Humboldt, Schleiermacher, Hölderlin*. Tradução de Maria Emília Pereira Chanut. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA: Clarice Lispector. Edição especial, n. 17 e 18. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2004.

CHEREM, Lúcia Peixoto. *As duas Clarices entre a Europa e a América: leitura e tradução da obra de Clarice Lispector na França e no Quebec*. Curitiba: Editora UFPR, 2013.

DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. Tradução de Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 2008. (Estudos)

FERREIRA, Rony M. Cardoso. *Entre estrelas, rendeiras e datilógrafas: um exercício de tradução em Clarice Lispector*. 2012. 186f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens: Teoria literária e Estudos comparados) – Centro de Ciências Humanas e Sociais da UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande (MS). Disponível em: <https://sistemas.ufms.br/sigpos/portal/trabalhos/listar>. Acesso em 11.09.2016.

GOMES, André Luís. *Clarice em cena: as relações entre Clarice Lispector e o teatro*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, Finatec, 2007.

GOTLIB, Nádia Battella. *Clarice: uma vida que se conta*. 6. ed. rev. e aum. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

_____. *Clarice: uma vida que se conta*. São Paulo: Ática, 1995.

_____. *Clarice Fotobiografia*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.

HANES, Vanessa Lopes Lourenço. *The language of translation in Brazil: written representations of oral discourse in Agatha Christie*. 2015. 308f. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis (SC). Disponível em: http://www.pget.ufsc.br/curso/teses/Vanessa_Lopes_Lourenco_Hanes_-_Tese.pdf. Acesso em 14.09.2016.

LIMA, Luiz Costa. “A crítica literária no Brasil de agora”. In. _____. *Frestas: a teorização em um país periférico*. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2013. p. 397 – 447.

MIROIR, Jean-Claude Lucien. *Fúria e melodia – Clarice Lispector: crítica (d) e tradução*. 2013. 475f. Tese (Doutorado em Literatura) – Departamento de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras da UnB – Universidade de Brasília, Brasília (DF). Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/15297/1/2013_Jean-ClaudeLucienMiroir.pdf. Acesso em 13.09.2016.

MOSER, Benjamin. *Clarice, uma biografia*. Tradução de José Geraldo Couto. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

NOLASCO, Edgar Cézar. “Clarice Lispector tradutora”. In. *Cerrados: Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura. Literatura e presença: Clarice Lispector*. v.16, n. 24. Brasília, DF: Universidade de Brasília, Departamento de Teoria Literária e Literaturas, 2007. p. 263 – 272.

NUNES, Benedito. “Crítica literária no Brasil, ontem e hoje”. In. _____. *A chave do poético*. Organização e apresentação de Victor Sales Pinheiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 43 – 72.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. “A crítica literária”. In. _____. *Mutações da literatura no século XXI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 60 – 69.

_____. “Que fim levou a crítica literária?”. In. _____. *Inútil poesia e outros ensaios breves*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 335 – 344.

QUEIROGA, Marcílio Garcia de. *A voz da tradutora Clarice Lispector em livros infantojuvenis do gênero aventura*. 2014. 224 p. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Centro de Comunicação e Expressão – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis (SC).

SILVA, Norma Andrade da; TORRES, Marie-Hélène Catherine. “Clarice Lispector” [Verbete publicado em 9 de fevereiro de 2011]. In. GUERINI, Andréia [et. al.] (Orgs.). *Dicionário de tradutores literários no Brasil*. Florianópolis: NUPLITT – Núcleo de Pesquisas em Literatura e Tradução, 2005 – 2007. s.p. Disponível em: <http://www.dicionariodetradutores.ufsc.br/pt/index.htm>. Acesso em 09.09.2016.

SÜSSEKIND, Flora. “A crítica como papel de bala”. In. CORDEIRO, Rogério [et. al.] (Orgs.). *A crítica literária brasileira em perspectiva*. Cotia (SP): Ateliê Editorial, 2013. p. 299 – 305.

TORRES, Marie-Hélène C. “A virada institucional dos estudos da tradução no Brasil”. In. SOUSA, Germana Henriques Pereira de (Org.). *História da tradução: ensaios de teoria, crítica e tradução literária*. Campinas (SP): Pontes Editores, 2015. (Estudos da Tradução – Volume 1). p. 111 – 122.

VASCONCELLOS, Eliane (Org.). *Inventário do arquivo Clarice Lispector*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1993.

WASSERMAN, Renata Ruth M. “Clarice Lispector tradutora, em *A paixão segundo G.H.*”. In. ZILBERMAN, Regina [et. al.] (Orgs.). *Clarice Lispector: a narração do indizível*. Porto Alegre: Arte e Ofícios, EDIPUC, Instituto Cultural Judaico Marc Chagal, 1998. p. 75 – 92.